

Universidade do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas
Departamento de Didática
Curso de Especialização - Formação de Docentes Universitários

**Artes Cênicas e Ensino:
Formação universitária e perspectivas profissionais.**

Por

Flávia Beatriz Pedrosa Pereira

Rio de Janeiro

1999

Universidade do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Humanas

Departamento de Didática

Curso de Especialização - Formação de Docentes Universitários

Artes Cênicas e Ensino:

Formação universitária e perspectivas profissionais.

Monografia apresentada à Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro, como requisito à conclusão do curso de especialização: Formação de Docentes Universitários.

Por

Flávia Beatriz Pedrosa Pereira

Rio de Janeiro

1999

DEDICATÓRIA

A memória de Terezinha Pedrosa.

AGRADECIMENTOS

À Escola de Educação e de Teatro da UNI-Rio, e aos seus respectivos bibliotecários, assim como também a todos os professores destes cursos que contribuíram na minha formação acadêmica. Também agradeço aos meus alunos, que muito acrescentaram à minha experiência.

“Vida e arte são dois conceitos que se interpenetram”.

Ricardo Tacuchian

SUMÁRIO

1 - O Tema, seus limites e propostas	01
2 - Educação Artística, Artes Cênicas e Ensino: um pouco de sua história e de seus problemas	06
3 - Ser professor de Artes Cênicas: a formação para o ensino e a universidade	14
4 - Formação universitária e perspectivas profissionais dos formandos	30
4.1 Análise dos questionários	
4.2 Perguntas do debate – entrevistas	
4.3 Análise geral	
5 - Conclusão	43
6 -Bibliografia	46
7 - Anexo	50

1. O TEMA, SEUS LIMITES E PROPOSTAS.

Desde que a Educação Artística foi introduzida pela Lei 5.692/71 no currículo escolar, como componente obrigatório, o conceito teórico de educação através da arte tem sido discutido e modificado.

Também se observa um esforço dos arte – educadores na tentativa de valorização da linguagem artística de um modo geral. Além disso, percebe-se a utilização de toda uma fundamentação que procura, em seu bojo, postular os benefícios que as variantes da referida disciplina proporcionam aos alunos a elas expostos.

A arte possibilita ao aluno o conhecimento das suas necessidades e das relações entre ele e a sociedade, tendo como elo a sensibilidade e a conscientização. As linguagens artísticas possibilitam o enriquecimento do ser humano, numa atuação consciente e criativa diante do mundo, ou seja, na sua formação como cidadão.

No processo de formação do aluno como cidadão, o professor é peça fundamental e por isso ele deve ser atualizado e atuante.

Mas é questionável a atuação didático – pedagógica do professor de Artes Cênicas, devido a sua recente ou heterogênea formação, ou até mesmo a ausência da própria. Fatores como nível social, educacional e nível psicológico, ideológico e institucional refletem-se na formação e atuação destes professores.

Atualmente, mesmo havendo número suficiente de professores de Artes Cênicas formados nos cursos de 3º grau para suprir uma parte do mercado, esses profissionais ainda concorrem com pessoas estranhas ao ramo ou mesmo dele, porém sem uma especialização pedagógica. Esse fato contribui para aumentar a dificuldade de valorização da disciplina Artes Cênicas, como a do próprio educador sendo confundido com um recreador.

Sem dúvida, há uma série de deficiências no mercado de trabalho e na própria formação dos professores de Artes Cênicas.

A partir da contextualização da criação das licenciaturas em arte pretende-se nesta monografia, analisar questões como, por exemplo, o mercado de trabalho existente e as perspectivas dos recém – formados, em nível superior, com relação a esse mercado.

Este trabalho se justifica pela necessidade de se discutir a implementação dos pressupostos da arte no contexto educacional a partir das seguintes questões:

1ª- Que contexto e circunstâncias histórico – sociais e legais presidiam o surgimento do mercado de trabalho, o aparecimento dos professores da área e a introdução da disciplina Educação Artística (Artes Cênicas) nas antigas escolas de 1º e 2º graus?

2º - Qual papel teve (e tem) a formação acadêmica do professor de Artes Cênicas no mercado de trabalho?

3º - Como está o mercado de trabalho para os professores da área e qual a expectativa dos formandos de licenciatura em Artes Cênicas em relação a este mercado?

Responder a estas questões já justifica este trabalho que tem, ainda, como objetivo, diminuir a pouca produção científica que norteia o ensino das Artes Cênicas, além de visar uma reflexão sobre a Lei 5.692/71 que regularizou o ensino desta disciplina nas escolas, analisar as causas e conseqüências desta regularização, a expectativa dos novos profissionais e a contribuição da universidade na formação destes futuros professores.

Tal pesquisa é relevante por tentar analisar a formação do professor de Artes Cênicas e o atual mercado de trabalho deste professor; por tentar contribuir para melhorar a atuação deste profissional; por tentar renovar e revitalizar as idéias e as informações e assim possibilitar a melhoria da qualidade que se deve ter na formação de professores.

Contém implicações educacionais, na medida em que se propõe especular sobre as possíveis deficiências que os cursos de formação dos professores de Artes possuem; implicações sociais, ao tentar facilitar o posicionamento do professor de Artes Cênicas como um educador e implicações históricas pelo levantamento sobre a Lei 5.692/71 em relação à atuação a presença das Artes nos ensinos fundamental e médio.

A pesquisa está delimitada à cidade do Rio de Janeiro, envolvendo posicionamentos de instituições escolares públicas e particulares de ensino fundamental e médio através do mercado de trabalho, e a formação acadêmica do curso de Educação Artística com licenciatura plena em Artes Cênicas da Universidade do Rio de Janeiro.

A metodologia empregada visa atingir aos objetivos propostos pela pesquisa, realizando-se através de análise documental de livros, dos Parâmetros Curriculares Nacionais e outros documentos necessários, assim como também da utilização de questionário e de um debate – entrevista informal.

Segundo a informação obtida na secretaria da Escola de Teatro da UNI – Rio, são oito os formandos em licenciatura plena em Artes Cênicas no 2º semestre de 1998, sendo que estão averiguando todos os casos possíveis para permitir o mais rápido possível a colação de grau dos formandos que passaram nos concursos públicos; portanto, esta estimativa de oito formandos pode vir a aumentar.

Com base na estimativa obtida, foram entrevistados 50% dos formandos e analisados estes 50% de questionários. O questionário (vide modelo em anexo) possui quatro perguntas, sobre a opção de fazer o curso universitário de Licenciatura plena em Artes Cênicas; a qualidade desta formação; a expectativa em relação ao mercado de trabalho e a linha educacional que o formando pretende adotar.

O debate – entrevista informal, foi realizado após a feitura do questionário, completando – o e dando subsídios para analisar as idéias, interesses e necessidades que os discentes deste curso possuem.

Esta pesquisa se apoia, principalmente, nas pesquisas e idéias da arte – educadora Ana Mae Barbosa, do educador Paulo Freire e da professora Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero, entre muitos outros autores.

É justificável constar na bibliografia edições com datas antigas devido atender ao resgate histórico do surgimento do mercado de trabalho e da implantação dos cursos universitários da área.

2. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA, ARTES CÊNICAS E ENSINO: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E DE SEUS PROBLEMAS.

A arte na escola como disciplina ainda é recente. As disciplinas Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfeônico, na primeira metade do século XX, faziam parte dos programas das escolas primárias e secundárias, concentrando o conhecimento na transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes, devido a visão utilitarista e imediatista que se tinha da arte.

Esses professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos. Seu ensino era voltado essencialmente para o domínio técnico e para a reprodução de modelos.

O teatro e a dança somente eram lembrados quando faziam parte das festividades escolares. A única finalidade do teatro era a da apresentação: “as crianças decoravam os textos e os movimentos cênicos eram marcados com rigor”.* (1)

Professores de quaisquer matérias ou pessoas com alguma habilidade artística poderiam lecionar estas disciplinas, visto que até os anos 60 existiam pouquíssimos cursos de formação de professores nesta área.

Os cursos de curta duração davam, como única alternativa, seguir documentos oficiais (guias curriculares) e livros didáticos em geral, que não explicavam fundamentos, nem orientações teórico - metodológicas ou mesmo exibiam bibliografias específicas.

* (1) BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte, p.26.

Porém, com o advento da Lei 5.692/71, foi regulamentado em caráter obrigatório o ensino da disciplina Educação Artística nas escolas de 1º e 2º graus no país *, cabendo a cada instituição de ensino, pública ou privada, a plena liberdade de escolha entre as possíveis habilitações: Artes Plásticas, Artes Cênicas, Música e/ou Desenho.

*“Será obrigatória a inclusão Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observando quanto à primeira ao disposto no Decreto – lei n.º 869, de 12 de setembro de 1969.” (Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971, artigo 7º, capítulo 1: Ensino de 1º e 2º graus.) * (2)*

Tais circunstâncias, quanto da promulgação da lei, determinaram a demanda supra mencionada pelas linguagens Plásticas e Musicais, que na época já apresentavam profissionais disponíveis no mercado, formados pelo Instituto Villa Lobos (Música) e pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Artes Plásticas). Não havia nenhum curso de licenciatura em Artes Cênicas.

Somente em 23 de outubro de 1973 saiu a resolução n.º 23, que fixou os mínimos de conteúdo e duração do curso superior de Educação Artística, podendo este ser de curta duração ou de licenciatura plena.

* Atualmente com a Lei 9394/96, os ensinos de 1º e 2º graus passaram a denominar-se ensinos fundamental e médio.

* (2) Senado Federal – Diretoria de Informação Legislativa.

A licenciatura curta foi estruturada como um curso menor, de dois anos ou 1.500 horas de atividade, e para preparar professores polivalentes para a área geral (sem especialização) além de atender o antigo 1º grau (atual ensino fundamental). E a licenciatura plena foi estabelecida com a duração de quatro anos ou 2.500 horas, para preparar professores especializados em uma das subdivisões da educação artística e atender também ao antigo 2º grau (atual ensino médio).

Os diversos cursos e cursinhos de curta duração, inclusive os providos pelo Serviço Nacional de Teatro, destinavam-se apenas a atender à situação de emergência, quando não existiam ainda professores diplomados pelas licenciaturas, mas os certificados outorgados por esses cursinhos não capacitavam definitivamente o professor ao exercício da atividade.

Assim, somente dois anos após a promulgação da lei 5.692/71, que fixou a obrigatoriedade do ensino de Educação Artística nas escolas, verificou-se a criação dos cursos universitários para formação desses professores.

No entanto, entre aquela resolução (23/10/73) e o aparecimento do primeiro curso universitário de Licenciatura Plena em Artes Cênicas, no Estado do Rio de Janeiro passou-se mais de uma década. Iniciou-se na Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO), através da autorização de funcionamento respaldada pela resolução 467, de 23 de dezembro de 1985, do Conselho de Ensino e Pesquisa da referida universidade, sendo que a primeira turma, composta em sua totalidade por bacharéis em Artes Cênicas egressos da própria Escola de Teatro da UNI-Rio, iniciou-se o curso em março de 1987 e formou-se em julho

de 1988, tendo saído o reconhecimento do aludido curso através do Parecer 0435/89, do Conselho Federal de Ensino de 11 de maio de 1989.

Devido à inexistência de um curso que formasse professores de Artes Cênicas, faltavam profissionais no mercado, pelo menos no Rio de Janeiro, e por causa disso, as Instituições, tanto particulares como públicas, utilizavam pessoal não formado para atender à demanda dessa disciplina. Até hoje, as instituições particulares agem assim, sendo que absorvem atores sem formação pedagógica.

Michalski (1973) advertiu sobre a possibilidade da disciplina de Artes Cênicas na escola ser entregue a professores insuficientemente especializados, pelo fato de existir no Brasil a crença de que qualquer pessoal razoavelmente desinibida pode fazer teatro e, conseqüentemente, dar aula.

Por isso, a arte na educação é vista muitas vezes com um sentido deturpado, sem ligação com a educação e o professor da disciplina como um recreador e não como um educador. A brecha que foi dada até para os profissionais da área, de darem aulas de teatro, permite também a desvalorização da profissão, pois a maioria dessas pessoas do ramo que se empregava como professor, encarava a profissão como subsídio para a sobrevivência e atuação na área artística - infelizmente, ainda hoje há possibilidade desse tipo de “professor” entrar no mercado, através de escolas particulares.

No entanto, a situação vem pouco a pouco se modificando com o oferecimento de vagas para professores de Artes Cênicas, através de concurso público, o primeiro promovido em 1988, pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, sendo, então, necessário possuir o registro de professor.*

*“Durante os primeiros sete anos , a educação artística foi um caos, uma inutilidade, uma excrescência no currículo, com professores despreparados, deslocados e menosprezados pelo sistema escolar de ensino obrigatório da Educação Artística, após a promulgação da Lei 5.692/71.” *(3)*

Nesse sentido, percebe-se que a obrigatoriedade do ensino de Educação Artística nas escolas de ensino fundamental e médio difundiu-se, em sua grande maioria, quantitativamente; a partir de 1971, porém, o ensino da arte diluiu-se em qualidade, pois os professores, ainda despreparados, distorciam os princípios metodológicos da arte na educação, além de serem considerados como “professores menores”.

A atual formação dos referidos professores de Artes Cênicas ainda é carente de cursos de especialização, importantíssimos para o desenvolvimento profissional artístico. Também é relevante registrar o escasso material específico existente, no sentido de orientar

* Atualmente não há mais registro de professor, basta a apresentação do diploma da universidade cursada.

* (3) Ana Mae BARBOSA, Arte Educação : conflitos/acertos, p. 23-24.

o licenciando, ou mesmo o já professor de Artes Cênicas, tanto em nível metodológico quanto em termos esquemáticos, no preparo de seus planos de aulas. Somado a tudo isso, falta um maior planejamento na abertura de concursos públicos para professores de Artes Cênicas e o não atendimento ao estabelecido pela legislação a esse respeito por parte das escolas particulares. Isso completa o quadro caótico da questão da valorização do profissional das Artes Cênicas.

Assim, podemos verificar que, diante desse quadro, o mercado de trabalho para a área agrega profissionais sem a qualificação mínima, com funções muitas vezes confundidas com recreação, função essa muito diferente da reservada ao arte – educador: estimular, através da arte a sensibilidade do indivíduo, promover o fortalecimento de sua individualidade, através da criticidade, do auto conhecimento e da valorização de suas potencialidade individuais. O não atendimento a essas finalidades, além de banalizar o ensino da disciplina, e seus objetivos, mediocriza a experiência estética e artística do aluno na escola.

Registra-se que a situação se agrava ainda mais se somarmos a deficiência de formação do profissional das Artes Cênicas com a falta de professores formados e chega a levar à contratação, por parte das escolas particulares, de “professores” não formados, (não capacitados), como atores ou mesmo recreadores, sem conhecimento pedagógico algum que subsidie suas aulas.

É justificável a atitude crítica que se deve ter em relação aos profissionais que atuam como professores de Artes Cênicas sem preparação pedagógica, partindo do pressuposto de que esses “professores” podem ter vindo no bojo da proliferação indiscriminada de cursos livres de teatro, cujo objetivo era a comercialização desse ensino, comprometendo a qualidade da formação profissional dos atores e da arte em si. Parte desses cursos empregam “professores” sem qualificação adequada e também instruem de maneira inadequada seus alunos, muitos dos quais acreditam-se preparados para também dar aula. Assim, acabam oferecendo outros cursinhos livres e ajudando na manutenção da desvalorização do professor de Artes Cênicas.

Mesmo depois de regulamentado, o ensino de teatro não está sujeito à fiscalização, “qualquer leigo pode abrir um curso e começar a faturar” * (4). E os alunos não tem meios de averiguar a própria idoneidade do curso.

E hoje, mais de duas décadas após a promulgação da Lei 5.692/71 que regulamentou esse ensino em caráter obrigatório, o campo encontra-se ainda com outras sérias deficiências, entre as quais a pouca produção científica que norteia os pressupostos do ensino das Artes Cênicas nas escolas.

* (4) Yan MICHALSKI. Caderno de Teatro nº 58, p. 37.

A ausência de estudos que procurem delinear os currículos elaborados para a disciplina, assim como a ausência de um estudo que possa revolver a formação dos professores de Artes Cênicas em exercício na profissão, determinam a importância que o presente estudo agrega, pois nem todas as deficiências existentes à época da promulgação da Lei foram solucionadas.

3. SER PROFESSOR DE ARTES CÊNICAS: A FORMAÇÃO PARA O ENSINO E A UNIVERSIDADE.

Todos os saberes considerados necessários à prática educativa que Paulo Freire relata em seu livro “Pedagogia da Autonomia” devem fazer parte da metodologia dos professores de artes. Aliás, obter e fazer uso desses saberes são os compromissos que todo professor (educador) deve ter.

Esse professor, comprometido com a educação, precisa saber que não há docência sem discência, que ensinar não é transferir conhecimento e que ensinar é uma especialidade humana como um ato de intervenção no mundo. Ele deve possuir segurança, competência profissional, generosidade, comprometimento, autoridade (sem ser autoritário), disponibilidade para o diálogo, saber escutar, ser democrático, coerente, querer bem aos educandos, saber que ensinar exige tomada consciente de decisões, como também exige reconhecer que a educação é ideológica.

Ele necessita de uma formação ética e pedagógica, de rigor metodológico e de saber respeitar os deveres e a autonomia dos educandos. Deve ter bom senso, humildade, tolerância e curiosidade, alegria, esperança e a convicção de que a mudança é possível.

Deve ter consciência do inacabamento do ser humano, do reconhecimento de ser condicionado e da realidade; estar em constantes lutas em defesas dos direitos dos educadores, gostar de pesquisar e possuir criticidade, senso estético e ético; saber corporeificar as palavras, encarar o risco, aceitar o novo e rejeitar qualquer forma de

discriminação; refletir criticamente sobre a sua prática e saber que ensinar exige o reconhecimento da identidade cultural.

Segundo Barbieri (1982), a natureza da arte impõe, como condição indispensável ao professor, uma atitude permanente de pesquisa, pois o professor de arte é, antes de tudo, um dinamizador.

Portanto, o professor de artes precisa gostar de pesquisar para não ficar acomodado a um único método, para não adormecer sua curiosidade e vontade de experimentação, o que com certeza irá influir em suas aulas.

Suas aulas, sendo práticas, precisam ser interessantes e vivas e para isso este professor deverá utilizar-se da alegria. Ele também precisará possuir criticidade e confiar que a educação é ideológica para que realmente possa, através de seu trabalho, não transferir conhecimento e sim alertar sobre a realidade e que são os próprios alunos que podem realizar as mudanças, intervindo no mundo.

Assim ele estará demonstrando a sua esperança e convicção de que a mudança é possível e que ensinar e também a própria arte permitem uma intervenção no mundo (criando, opinando, criticando, sugerindo, alertando).

Esse professor com toda a sua criticidade sabe que sem os alunos ele não poderia ser professor e por isso demonstra sua competência profissional respeitando os direitos e

deveres e a própria autonomia de seus alunos, assim como, reconhece a identidade cultural que eles tem, sabe escutá-los e não permite nenhum tipo de discriminação interferindo nas relações da turma, ou seja, demonstra que quer bem aos seus alunos e possibilita tanto o trabalho individual quanto o de equipe.

Cabe a ele ser o apaziguador de todas as brigas e desentendimentos ocorridos durante a sua aula (ou perante seus olhos); ele deve possuir segurança para refletir confiança, ter consciência que deverá tomar decisões e possuir autoridade mas sem ser autoritário, pois com autoritarismo só há tensão e medo, e a verdadeira espontaneidade e criatividade só poderá fluir num ambiente onde haja democracia, tolerância e generosidade. Onde o educador esteja realmente comprometido com os seus alunos e com a educação, onde ele demonstre o seu bom senso sendo humilde, coerente com suas palavras e com seu comportamento. Ao ser democrático, ser também disponível ao diálogo.

Sua formação ética e pedagógica e seu senso estético irão ajudá-lo a definir sua (s) linha (s) de trabalho, assim como ajudarão a refletir criticamente sobre a sua prática que deverá ser constantemente revigorada, encarando riscos e aceitando inovações, para sempre se mostrar viva e interessante. E se não há suficiente embasamento teórico publicado, portanto a prática passa a ser uma pesquisa que deve ser planejada e reformulada constantemente.

Ele deverá ser coerente pensando não só em si, nos seus alunos ou em sua prática mas também em sua classe e portanto deverá estar em constantes lutas em defesas dos direitos dos educadores.

Segundo Ana Mae Barbosa (1978), os professores de Arte precisam de sólidos conhecimentos teóricos acerca da Arte que possam ajudá-los tanto a definir as atividades artísticas na escola quanto a Arte na sociedade moderna, sua função e praticidade; ela relata também a necessidade de que conheçam a criança, ou seja, seu desenvolvimento físico, neurológico, intelectual, emocional, perceptivo e expressivo – comunicativo.

Isso tem fundamentos, já que quanto maior for a oportunidade de possuir conhecimentos teóricos sobre sua área de trabalho e sobre seus alunos, tanto será maior a possibilidade de êxito em sua aplicabilidade.

O professor de educação artística deve fazer uso desses saberes citados, principalmente quando utiliza-se do bom senso para não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais, com base em intenções próprias. Também é indispensável que este professor acredite na potencialidade de seu aluno, caso contrário, não irá favorecer um bom ambiente para o ato de criar.

O ensino das artes possui vantagens e desvantagens. Uma vantagem é que a maioria dos alunos gostam de arte, pois as experiências que a arte pode proporcionar dão-

lhe prazer e alegria, aflorando a sensibilidade, a livre expressão e valorizando o próprio ato criador.

Dentro da especificidade do ensino da arte não é possível apenas teorizar. É preciso por em prática: esta é a vantagem e desvantagem que a disciplina de Educação Artística tem perante as outras. Vantagem, por não fazer de seus professores meros transmissores de saber e desvantagem por não dar-lhes uma direção específica de trabalho.

Devido à arte ser diferente das demais disciplinas, é permitido ao seu docente uma conduta menos convencional. Isto coloca esse profissional, indiscutivelmente, numa posição favorável em comparação aos demais professores. Até porque é tão importante quanto necessário que o professor de arte estabeleça, para si próprio, na sala de aula, um papel diferente do que é assumido, de modo geral, pelos professores das outras disciplinas, para que a atmosfera seja tal que se tornem possíveis a confiança mútua e o intercâmbio de idéias com os alunos.

Lidando com o “eu” físico e emocional do aluno, este professor tem de estar especialmente consciente das relações que envolvem o grupo, como as características peculiares de cada idade, os temas e tipos de trabalho que vão motivar os grupos específicos, assim como os tipos de exercícios que seriam “perigosos”.*

* Exercícios que mexem com o equilíbrio pessoal, com as emoções, com a lembrança, com a sexualidade.

Este professor tem maior liberdade de escolha em relação a objetivos e formas de consegui-los, pode saltar com relativa liberdade de um tema ou de um exercício para o outro, de acordo com o andamento do grupo, pois geralmente não é obrigado a seguir um programa preestabelecido, tal como os professores das demais disciplinas. Como afirma Dominguez (1978), o mestre de arte também consome muitas horas preparando e planejando suas aulas como os outros mestres, porém em compensação, está livre das horas enfadonhas de corrigir provas ou trabalhos. Isso porque suas aulas são, por exigência da experimentação em arte, práticas **, mas não impossibilita conter teorias. Porém, como a disciplina não tem necessidade de medição e nem de reprovação, sua avaliação é geralmente realizada por outros meios, sem provas ou trabalhos teóricos.

Fator também importante é o espaço físico no qual o professor de Artes Cênicas trabalha – sem carteiras e sem mesas – o que influencia toda a estrutura da classe e seu relacionamento com os alunos. Estando no mesmo plano, o professor e o aluno criam uma relação muito mais fluida.

Segundo Dominguez (1978), as variáveis que agem sobre o professor e que o levam a adotar uma determinada metodologia são:

1 – Nível Social

1.a – background

2.b – classe social

** Nas escolas de ensino fundamental e de ensino médio.

2 – Nível Educacional

2.a – experiência profissional

2.b – tipo de treinamento

3 – Nível Psicológico

3.a – personalidade

3.b – interesses pessoais

3.c – autoconhecimento

3.d – problemas pessoais (e maneiras de resolvê-los)

4 – Nível Ideológico

4.a – idéias políticas

4.b – código moral

5 – Nível Institucional

5. a – tipo de sociedade

5.b – tipo de escola

“Essas variáveis sempre interagem no processo de decisão do professor e seu nível de prioridade (qual variável tem mais influência numa determinada fase do processo) depende da área à qual o professor é mais sensível e de suas prioridades no que ele entende por educação. Apesar disso, certos níveis são menos determinantes que outros, ou em outras palavras, certas variáveis são mais facilmente controláveis do que outras” (1)*

* (1) José Antonio DOMINGUEZ, Op. Cit., p.30.

Metodologia é entendida por Dominguez como o sistema que o professor decide adotar no esquema ensino – aprendizado para se relacionar com seus alunos, individualmente e em grupo, e com a instituição na qual trabalha.

*“ Segundo tal definição, há dois níveis nos quais o professor aplica a sua metodologia: o nível “objetivo”, isto é, o repertório de exercícios que ele aplica no grupo; e o nível “subjetivo”, isto é, o seu sistema de atitudes, a sua forma de se relacionar com o grupo e com os indivíduos, a imagem que projeta (consciente ou inconsciente), seu sistema de comandos e obediência (autoridade), seu sistema de recompensa e castigo, e seus códigos de moral e de comportamento”. (...) “Tal sistema inclui desde a forma como ele se comporta dentro da instituição (espontânea ou estudadamente), o seu nível de obediência aos padrões de instituição e o seu código ético”** (2)

O professor de artes, como de outra disciplina, pode desestimular gerações de alunos. Portanto, em vez de proporcionar o prazer em fazer, criticar ou contemplar a arte pode proporcionar o contrário, ocasionando uma possível mediocrização da experiência estética e artística do aluno na escola. Se isso é possível para o licenciado formado em Educação Artística, pode-se deduzir que aumentam as probabilidades disso acontecer quando o professor não tem formação pedagógica necessária. Assim, a formação

* (2) José Antonio DOMINGUEZ, Op. Cit., P.28.

do professor de Artes Cênicas não deve estar desvinculada de uma postura filosófica, sociológica e psicológica, muito menos de uma visão metodológica.

Toda e qualquer profissão que envolva certa dose de responsabilidade social pressupõe que a exerçam com um cuidadoso preparo no ramo especializado da cultura referente a esse campo profissional. Portanto, as habilitações representam o mínimo de garantias que se pode exigir de quem se propõe a assumir responsabilidades no meio social sobre o qual vai atuar.

É necessário investir mais no professor do que em materiais exóticos e caros, e que nem sempre são utilizados, pois o professor bem atualizado, valorizado, descobre novas técnicas de ensino, maneiras originais de trabalhar, esforça-se cada vez mais para ampliar a produtividade do aluno, e a partir de experiências com materiais simples e comuns ao seu ambiente.

Segundo Tereza Creuza (1982), a sensibilidade para localização de um problema é imprescindível na arte – processo e não se consegue tal localização sem uma imersão profunda, um interesse total e um preparo ou estudos prévios, pois a mente bem estocada com conceitos num dado campo está apta ao discernimento, à descoberta, diferenciando-se, em larga escala, da mente novata ou ingênua.

Esse preparo prévio também é tocado por Dominguez (1978) quando depõe sobre sua formação e comenta sobre a falta de escolas no Brasil, em tempos atrás:

*“... tendo sido professor autodidata, em parte devido à falta de escolas de treinamento de professores de Teatro na Educação no Brasil, eu me vi na contingência de ter de estabelecer a minha própria metodologia de trabalho, com muitos poucos pontos de referência, que possivelmente poderiam ter sido adquiridos num processo de treinamento prévio”. * (3)*

Sem dúvida esse preparo prévio, atualmente, pode ser obtido num curso universitário de formação de professor de arte.

Para Maria de Lourdes Mader Pereira (1982) é necessário que o educador vivencie, ele próprio, as diversas fases ao processo criativo em diferentes situações – dentro do campo individual e grupal, com ou sem instrumental adequado, para que lhe seja possível compreender a importância do processo. Um professor que nunca tenha passado pela experiência artística, no sentido de processo de criar, jamais compreenderá o tipo peculiar de raciocínio, de reflexão, o qual é necessário para trabalhar com os alunos. Isto significa que o professor deve estar verdadeiramente envolvido na criação de seu aluno e por isso, é necessário que conheça esse tipo de processo necessário, não sendo bastante que o conheça de um modo abstrato, por ter lido ou por ter realizado mecanicamente.

Segundo Anne – Marie Duguet (1977), a confrontação imediata e concreta com todos os problemas colocados pela arte teatral num espetáculo, permite a descoberta de todos os seus aspectos teóricos e técnicos, ao mesmo tempo. A experiência de palco, o

* (3) José Antonio DOMINGUEZ. Op. Cit., p.17.

diálogo com o público e toda experimentação, emoções e conhecimento que estas coisas englobam para a realização de um espetáculo são indispensáveis à formação completa que se deseja.

Nesse sentido, a teoria e a prática deveriam constituir o núcleo articulador da formação do professor de Artes Cênicas, mas sem estarem dissociadas. Além de que o professor tem a importante tarefa de proporcionar uma atmosfera conducente às expressões de invenção, de exploração e de realização.

Segundo Lowenfek (1970), o professor de arte deve motivar, manifestando interesse, proporcionando uma atmosfera de apoio à atividade artística e agindo como se não houvesse nada mais importante, no mundo, que a experiência de criar. Deve ser, ainda, uma pessoa cordial, afetiva e criativa.

Concordando com Lowenfek, o professor que quer trabalhar com artes deve desenvolver uma maneira original e camarada de se relacionar e envolver seus alunos nas atividades. Isso com certeza criará as condições essenciais de confiança para o desenvolvimento das atividades.

Todas estas habilidades, comportamento e atitudes e processos cognitivos da arte precisam estar incluídos no currículo dos cursos de Formação universitária em Artes Cênicas, sob pena de não se estar construindo um profissional capaz de permitir que seu

aluno aflore a sensibilidade, fortaleça a auto – confiança e amplie sua capacidade de observar, sentir, analisar e criar.

Segundo Fávero (1996), a universidade deve ser fonte de produção de conhecimentos novos, de tecnologia e de cultura; deve ser o espaço da invenção, da descoberta, da pesquisa, da inovação, da socialização do saber. Ela deve estar inserida na realidade histórico - social - cultural, deve ser o local de encontro de culturas diversas e de diferentes visões de mundo. Deve, também, formar professores para influir sobre a realidade onde vão atuar, em uma perspectiva de mudança, a partir de uma visão crítica da realidade.

Através do histórico do ensino de Arte no Brasil contido no volume 6 dos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) é válido observar que os cursos universitários de artes que foram criados especialmente para cobrir o mercado aberto pela Lei 5.692/71, não estavam instrumentalizados para a formação mais sólida do professor, oferecendo cursos eminentemente técnicos, sem bases conceituais.

Muitos professores que deixaram as suas áreas específicas de formação e estudo (seja em arte, ou em outra área) para abastecer o mercado de trabalho na área de Educação Artística, através do curso de licenciatura curta nesta área que formava professores polivalentes para área geral da Educação Artística, apenas assimilavam superficialmente as demais artes, diminuindo tanto quantitativamente quanto qualitativamente quaisquer saberes teóricos e práticos.

A realidade é que somente os cursos universitários de licenciatura plena podem ter a pretensão de formar efetivamente o professor de teatro, como Michalski (1973) já comentava.

Sobre a universidade, Wanderley (s/dt) cita:

*“Ela é a instituição social que forma, de maneira sistemática e organizada, os profissionais, técnicos e intelectuais de nível superior que as sociedades necessitam. Situa-se na esfera da superestrutura, dentro da Sociedade Civil, mantendo vínculo com a Sociedade Política e a base econômica. Serve normalmente à manutenção do sistema dominante, mas pode também servir à transformação social.” *(4)*

O fato é que dentre as instituições sociais, a universidade é a que sempre apresentou a mais forte tendência a permanecer conservadora, devido à influência dominante de modelos e soluções importados e também inadequado à nossa realidade o que resultou em uma crise da própria identidade cultural.

Segundo Wanderley (s/dt) a universidade deve estar integrada com a cultura universal, não pode se prender à realidade de uma só cultura, nem sendo do próprio país, para não cair num provincianismo e/ou nacionalismo cultural.

* (4) Luiz Eduardo W. WANDERLEY. O que é Universidade, p.128.

Visto isto, a formação universitária de um professor de arte deve ter todo um embasamento cultural, tanto nacional quanto mundial, para abranger qualquer tipo de mercado de trabalho.

Até porque o professor de arte deve assegurar toda possível democracia em suas aulas, todo tipo de diálogo, inclusive assegurar um diálogo constante entre todas as culturas, sem nenhuma discriminação, e interligando-as com a própria cultura nacional.

E a universidade deveria dar esse embasamento cultural dentro de sua formação, pois segundo Wanderley (s/dt), o professor deverá possuir um conhecimento profundo e sempre renovado da sua cultura nacional, inclusive eliminando a ilusão de que ela possa estar imune à penetração de outras culturas dominantes.

Segundo Fávero (1996), a universidade está em crise por ter uma estrutura de poder centralizadora e conservadora, pela falta de competência profissional de muitos dos que nela trabalham e pelo seu descompromisso em fazer valer os interesses mais fundamentais da sociedade.

Fávero (1996) acredita que a Reforma Universitária outorgada em 1968 contribuiu para pulverizar e desmantelar o ensino de graduação, dispensando estudantes e professores, substituindo turmas por conglomerados humanos a se desfazem ao final de cada semestre. O currículo, além de continuar a não corresponder às necessidades de uma boa formação, em muitos casos se tornou um aglomerado de disciplinas, justapostas e

desconexas, ligadas administrativa e burocraticamente por pré – requisito e co – requisitos, e “controlados” por um colegiado de curso.

Ao aluno resta a falta de clareza quanto ao sentido do que deve ser estudado e a razão de ser de cada disciplina, programa e bibliografia.

Portanto a crise por que passa a universidade persiste pelo conservadorismo e pela incapacidade de reformar-se junto com as transformações sociedade.

Aliás, a Reforma Universitária de 1968 desfavoreceu o ensino de graduação, dificultou o fortalecimento de turmas e portanto a voz dos estudantes.

É lógico que a crise nas universidades brasileiras é envolvida por toda uma situação econômica, com falta de recursos financeiros ou com o desperdício e a má aplicação deles.

O Governo Federal pensa como saída tornar todo ensino superior pago, ou seja, “transferir boa parte da responsabilidade do ensino para o setor privado”*(5) e isso só não é realizado devido à pressão da sociedade, em reivindicar que a educação deve ser pública e gratuita, inclusive em todos os níveis.

* (5) Luiz Eduardo W. WANDERLEY. O que é Universidade, p.148.

É necessário que a universidade passe por uma reforma que contenha a verdadeira expressão e participação de toda sociedade.

Para que isso aconteça, é necessário lutar contra a burocracia, contra a verticalismo das hierarquias universitárias e contra as pressões governamentais, ou seja, fazer uma revolução mental e técnica para a adequação às exigências de uma sociedade em desenvolvimento.

No meio de toda essa problemática, e me precipitando quanto à análise dos questionários (vide próximo capítulo) dos formados do 2º semestre de 1998, o curso de licenciatura em Artes Cênicas tem procurado melhorar a formação de seus estudantes, visando um profissional de bom nível cultural, com conhecimentos teóricos e práticos sobre a sua arte.

Por unanimidade, todos os professores desta licenciatura foram considerados ótimos profissionais, comunicativos, atualizados e com uma boa formação, além de serem disponíveis para o diálogo, flexíveis para mudanças e estarem buscando uma formação contínua.

Isso reforça os benefícios que uma formação universitária proporciona aos professores de Artes Cênicas e com certeza repercutirá em benefícios à própria arte, tanto nas escolas de ensino fundamental e médio quanto nos cursinhos livres ministrados por esses profissionais com formação universitária.

4. A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS DOS FORMANDOS.

4.1 Análise dos questionários

Antes de esmiuçar as respostas dos questionários é necessário esclarecer e relatar alguns pontos.

Os quatro alunos, ou seja, 50% dos formandos do 2 ° semestre de 1998 responderam ao questionário e ao debate – entrevista com muita clareza e demonstrando consciência de suas idéias. As idades dos indivíduos variaram entre 22 a 41 anos, dois homens (um de 22 e outro de 38 anos) e, duas mulheres (uma de 23 e outra de 41 anos).

Eles foram escolhidos aleatoriamente, apenas foi levado em conta a facilidade de serem encontrados e a disponibilidade de tempo para responderem as perguntas.

Nenhum completou o curso em oito períodos. Um completou com menos tempo, 7 períodos, outros dois completaram em 9 períodos e outro completou-o em 10 períodos.

À primeira pergunta – Por que a opção pela Licenciatura plena em Artes Cênicas ? É sua primeira opção de curso universitário? – os graduados relataram que todos, sem exceção, eram atores antes de iniciarem o curso de licenciatura, inclusive dois chegaram a iniciar o curso universitário de Bacharelado em Artes Cênicas da UNI – Rio na habilitação

de interpretação, porém, já possuíam registro e decidiram não concluir. Somente um fez sua primeira opção por licenciatura.

Apenas um não exerceu a profissão de professor de Artes Cênicas antes de terminar o curso universitário; os outros começaram durante o curso e até mesmo antes de pensarem ou iniciarem o curso de Licenciatura.

A opção pelo curso se fez através da avaliação do mercado de trabalho, para obter o diploma e a legalidade oficial para trabalhar, assim como o embasamento para dar aula.

Duas pessoas relataram que também estão investindo na carreira de ator como primeira opção, mas foi apenas uma pessoa que assumiu que a opção por licenciatura foi por estabilidade financeira e que seu desejo é realmente ser atriz.

O que se percebe é que a metade dos formandos entrevistados ainda encara a profissão de professor como um subsídio para se sustentar, pois na verdade quer ser ator e a outra metade, apesar de ser ator, tem consciência de sua vocação para professor. Na verdade, uma profissão não invalida a outra, é até bastante interessante o professor de arte também ser um artista.

O fato de conseguirem se empregar antes de obter a formação de professor válida que o mercado de trabalho absorve qualquer um como professor de Artes Cênicas sem cobrar sua formação e sem haver a fiscalização em cima.

À segunda pergunta – O curso universitário lhe preparou para um bom desempenho profissional? Justifique – todos os graduados responderam que sim e justificaram que o curso é bom, o melhor da cidade, completo, pois o aluno de licenciatura é obrigado a fazer o currículo básico de interpretação e assim experienciar como artista, no palco, o que proporciona ao futuro professor toda a vivência necessária para se montar uma peça. Apontaram que o curso também dá o embasamento necessário e apresenta uma série de conhecimentos, livros e teorias para melhorar a formação universitária e que os professores do curso de licenciatura estão atualizados, pois atuam no mercado de trabalho fora na universidade, além de estarem se especializando. Um comentou que através da observação de seu estágio comprovou que a UNI-RIO dá um bom preparo a seus discentes, formando bons professores.

Essas respostas elevam o curso de Licenciatura plena em Artes Cênicas da UNI-RIO ao melhor da cidade e demonstram que seus alunos gostaram e se satisfizeram com o curso, pois o mais comum é reclamar sobre a educação geral (seja qual nível for) oferecida e isso não ocorreu.

À terceira pergunta – Qual a sua expectativa em relação ao mercado de trabalho – os graduados afirmaram que a expectativa é ótima, é positiva, pois antes de se formarem já estão praticamente empregados. Uns já lecionam em colégios particulares e todos passaram recentemente em vários concursos, podendo inclusive optar pelo de sua preferência. Eles querem obter vários empregos, o quanto antes melhor. Quanto a isso

há uma certa ansiedade e também há uma certeza de que o emprego público trará estabilidade, afastando o fantasma do desemprego.

Consideram o mercado bastante abrangente e até inexplorado, pois a falta de professores de Artes Cênicas nas redes públicas de ensino tem tendência a crescer, visto que muitos professores estão se aposentando e o número de matrículas de alunos está crescendo. Um deles comentou que a situação financeira do professor é complicada mas que é possível solucionar isto obtendo diversos empregos, já que o curso de licenciatura da UNI-RIO em relação ao mercado de trabalho é o que mais emprega.

Quanto à qualidade de seu trabalho, apenas um afirmou que, apesar de toda a falta de recursos materiais que o mercado de trabalho oferece, devido a formação universitária, a sua expectativa é de que é possível fazer um bom trabalho.

Essas expectativas são reais, e podem ser fundamentadas através dos dados extraídos do Relatório de Desempenho do 1º bimestre de 1998 da rede municipal de ensino, que mostram que das 811 matrículas referentes à disciplina Educação Artística, apenas 115 são de professores de Artes Cênicas. Há 383 matrículas de professores Artes Plásticas e 279 matrículas de professores de Educação Musical. As duplas - regências e os professores com contrato não foram computados e estes são em torno de 162 profissionais.

Sabe-se que uma boa quantidade de professores possuem duas matrículas, digamos 1/3 ou mais. Então , concluí-se que por trás das 115 matrículas há aproximadamente 77 ou menos profissionais atuantes.

Apenas uma minoria não trabalha no 2º segmento (5ª a 8ª série) e atende o 1º segmento (1ª a 4ª série) nas escolas de educação integral. Observa-se que dentro desta minoria há uma pequena percentagem de professores que também atua nas turmas de jardim de infância e na classe de alfabetização.

A rede municipal possui 1.033 escolas, sendo 404 com o 2º segmento, são atendidos (conceituados) 182.190 alunos e não atendidos por falta de professor da disciplina (nas três habilitações), 54.587.

Os dados do Relatório de Desempenho (1º bimestre/98) especificam a falta de professores assim: em Artes Cênicas são 140 turmas sem professores, num total de 5.587 alunos não atendidos; em Artes Plásticas 815 turmas e 32.596 alunos não atendidos e em Educação Musical 415 turmas e 16.404 alunos não atendidos.

Ou seja, o mercado de trabalho se encontra em grande expansão, há, inclusive, uma crescente valorização de certas atividades lúdicas, que possibilitam estimular certas partes do cérebro esquecidas e melhorar a criatividade, a comunicação e as relações sociais.

À Quarta pergunta – Em sala de aula qual a linha de trabalho com artes que você adotaria? Justifique – apenas um dos graduados relatou que segue a linha contextualista. Os outros, apesar de também relatarem que se apoiam no aluno (na sua clientela), não querem se sentir presos a uma linha. Inclusive um comentou sobre a possibilidade de alterar o contexto das Artes Cênicas por Artes Plásticas, Cinema ou Vivência Corporal. Outro negou qualquer uso das teorias acadêmicas nas aulas práticas.

O que se percebe é que a falta de uso de uma metodologia mais firme no curso de licenciatura impossibilita a compreensão das possíveis linhas de trabalho e suas aplicações. Por isso há rejeição por se optar por uma linha, talvez porque se entenda que uma linha poderá limitar o poder da arte.

Por isso, é comum perceber que os professores de Artes Cênicas preferem inventar um método particular, flexível ao processo do aluno.

4.2 Perguntas do debate – entrevista:

Após as perguntas do questionário, foi realizado o debate - entrevista, que permitiu obter mais subsídios para o próprio questionário e para a análise geral do curso de licenciatura plena em Artes Cênicas da UNI-RIO e a formação que ele proporciona.

As perguntas que fizeram parte do debate- entrevista foram as seguintes:

- Você considera a universidade como centro de produção de conhecimentos?
- O horário oferecido (tarde e noite) é o ideal? Causou inconvenientes? Explique:
- O que você acha sobre a biblioteca do CLA?
- O que você acha sobre o currículo?
- Há defasagem entre o que a Universidade propõe e o que a sociedade e o mercado de trabalho pedem, ou seja, a UNI-RIO trabalha com a realidade concreta?
- Ela valorizou a cultura popular?
- Houve alguma espécie de exclusão, preconceito a certas linhas de trabalho? Quais ?
- Quais suas críticas?
- Quais os pontos positivos?
- O estágio foi válido? Alguma observação?
- A universidade integrou teoria e prática?
- Você se acha apto, com domínio suficiente, para lecionar?
- Sua opção profissional é clara ou é apenas um subsídio para se sustentar?
- Pensa numa especialização?

4.3 Análise geral

A Escola de Teatro oferece os seguintes cursos: Educação Artística com Licenciatura plena em Artes Cênicas e o Bacharelado em Artes Cênicas com opção em quatro habilitações (interpretação, direção teatral, cenografia e teoria de teatro).

Atualmente existem quatro departamentos, o de direção teatral, o de cenografia, o de teoria de teatro e o de interpretação que além de seus professores agrega também os de licenciatura.

Com a renovação dos membros docentes devido às aposentadorias, o curso de licenciatura se abasteceu com profissionais experientes no atual mercado de trabalho, inclusive não só como educadores mas como artistas, e também com ex – alunos da própria universidade.

Muitas das deficiências já conhecidas por estes ex – alunos estão sendo sanadas.

Sem dúvida que os docentes que obtiveram esta experiência de terem sido alunos do próprio curso de licenciatura só enriqueceram as avaliações e as possibilidades de renovação que a formação discente necessita.

Os formandos, reconhecem a qualidade de seus professores que, apesar de uma boa formação, ainda estão buscando obter especializações e títulos acadêmicos. Além de estarem atualizados, estimulam seus discentes a também se esforçarem, para buscar mais conhecimento e experiências, estimulam a fazerem concursos e saírem da universidade já estando empregados.

Os discentes acompanham o fortalecimento dos professores de licenciatura e a luta para conseguirem autonomia de ter um departamento e para estabelecer um núcleo de Teatro - Educação dentro da universidade.

Todos foram unânimes em considerar o curso de licenciatura plena em Artes Cênicas muito bom. Os pontos positivos são mais marcantes do que as deficiências apontadas.

Eles demonstraram uma boa bagagem de conhecimento, de organização de idéias; são pessoas com vontade de falar, trocar idéias, discutir e analisar. Mas apesar de toda essa efervescência, somente um deles pensa em fazer mestrado; o restante comentou que não vê necessidade de buscar nossos conhecimentos já que estão atualizados. Talvez daqui a alguns anos, quando precisarem se atualizar. O importante agora é trabalhar e até levar a profissões paralelas, sendo professor e ator, ou até mesmo realizando outra atividade artística como cenógrafo, produtor teatral etc.

Alunos mais antigos reconhecem que o curso deixou de ser apenas uma opção de sustento para os atores, houve uma valorização não só nos seus docentes, como também no próprio conteúdo, tornando este curso, no momento, o melhor da escola de teatro. Como já foi relatado, houve uma renovação positiva de docentes, porém não ocorreu o mesmo nas outras habilitações.

A universidade foi considerada como centro de produção de conhecimentos, possuidora de um currículo básico e com conteúdos atualizados. Porém, este currículo é fragmentado, com as disciplinas tendendo a se isolarem por possuir pouco entrosamento interdisciplinar.

É revelado um certo descontentamento com o descomprometimento da universidade com a sociedade, pois esta não se preocupa em produzir um saber que revele e transforme a realidade.

Aliás, há um número crescente de pessoas de todas as idades e classes sociais querendo ter acesso à universidade. Aos menos favorecidos financeiramente isso não se faz possível, já que o horário *, sendo tarde e noite, restringe muito o campo de trabalho dos estudantes; a todos causou inconvenientes e segundo a metade dos indagados, este horário etiliza a escola de teatro e o aluno que necessita trabalhar para se sustentar tem que se submeter a estender o curso em muitos períodos, devido só poder cursar poucas matérias por período.

Essa problemática do horário talvez corresponda a um dos motivos fortes que atrasa os alunos a se formarem e/ou da evasão dos mesmos ao longo do curso.

* Entre as críticas, foi a questão do horário a que mais se destacou.

A biblioteca do Centro de Letras e Artes foi considerada como a melhor de artes no Estado do Rio de Janeiro, mas limitada para o curso de licenciatura.

O curso tenta suprir o que a realidade do mercado pede e segundo um dos colaboradores do questionário, a prática de montagem teatral reflete também o que acontece no mercado de trabalho: sempre as mesmas pessoas nos papéis principais e o restante no fundo compondo um elenco de apoio.

Não houve nenhuma exclusão e/ou preconceitos no curso de licenciatura, mas o gênero da comédia não é muito bem aceito na Escola de Teatro, ele é considerado mero entretenimento.

Os formandos consideraram o estágio válido e como um das poucas disciplinas que juntou teoria e prática com êxito. E também se consideram aptos para lecionar, não só pela formação universitária mas porque a maioria já leciona e por isso, ganhou experiência.

Foram considerados com pontos positivos a universidade como um bom espaço para conhecer gente, obter informações e experiências, e o curso de licenciatura como produtivo, já que o aluno sai praticamente empregado.

As críticas mais contundentes à universidade foram a falta de interdisciplinariedade e de disciplinas necessárias a grade curricular, e até este tipo de questionamento feito por esta pesquisa para tentar sempre melhorar o curso.

A atual estrutura universitária afasta os profissionais atuantes (os artistas) das funções docentes, pois muitos não possuem títulos acadêmicos (já que são razoavelmente recentes), ou porque os salários universitários são pouco motivadores para artistas de maior gabarito e experiência e até pela burocratização dos horários, cargas horárias e tarefas que os impedem de conciliar a atividades artística com a atividade de lecionar artes.

Mas a experiência que se pode obter com estes profissionais atuantes pode ser adquirida por meio de cursos de extensão universitária, raramente oferecidos, ou por falta de interesse dos dirigentes acadêmicos ou por falta de verba, restando esta experiência ser adquirida fora dos domínios universitários o que dependerá do interesse dos alunos e futuros profissionais.

É visto que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro não exige de seus alunos de licenciatura em Artes Cênicas uma monografia de final de curso. Não havendo nenhum tipo de pesquisa, nem incentivo de pesquisa aos discentes de licenciatura em Artes Cênicas dentro do curso de graduação, isso desvaloriza o hábito da pesquisa do futuro professor que ela forma.

Mesmo sendo a arte aplicada num campo mais prático, a pesquisa é necessária para proporcionar o embasamento teórico suficiente que dará, com certeza, mais subsídios para as aulas práticas do professor de arte.

A universidade possui mestrado em teatro, mas não estabeleceu nenhuma linha para os graduados de licenciatura em Artes Cênicas. Mesmo assim, a procura destes formandos tem sido grande, o que causou preocupação aos dirigentes do mestrado *, ao começar absorver esses graduados sem ter como orientar, já que este mestrado não é direcionado aos arte – educadores e nem há interesse para isso.

Talvez por esta procura, neste ano (1999) a universidade tornará a oferecer o curso de pós – graduação em Educação Estética, que havia sido suspenso por vários anos e que poderá propiciar a essa clientela uma especialização coerente com sua área de trabalho.

Mas nenhum curso universitário suprime integralmente todas as necessidades dos discentes. É necessário que estes também possuam dedicação, curiosidade e objetivos em sua busca pessoal e estes formandos analisados possuem esta consciência. Todos fizeram uso do discurso de que a formação do professor em Artes Cênicas não dependerá somente da universidade, ela poderá dar subsídios necessários para que o aluno corra atrás dos seus objetivos, ou seja, dependerá também do próprio estudante.

É o caso da cultura popular. Se os discentes tiverem interesse, terão que buscar em outro lugar e às vezes diretamente com sua clientela de alunos, pois poucos docentes universitários sabem lidar com ela e por isso pouco ou nada ensinam da mesma.

* Relato feito na semana de apresentação dos trabalhos da Escola de Teatro do Centro de Letras e Artes, no ano de 1997, pela coordenadora do mestrado, Ana Bulhões.

5. CONCLUSÃO

É importante ressaltar que já existe um bom curso universitário na cidade do Rio de Janeiro que forma licenciados em Artes Cênicas.

As deficiências contidas no curso, como a falta de incentivo à pesquisa, o isolamento das disciplinas e a não comunhão entre teoria e prática, etc, são passíveis de serem solucionadas.

O que se destaca mais em termos de expectativa dos formandos é a ansiedade de já sair da universidade empregados e começarem a trabalhar imediatamente. E isso é extremamente possível, pois o mercado de trabalho é abrangente e tem carência de profissionais especializados.

Por isso, este atual mercado de trabalho da cidade do Rio de Janeiro continua com certas deficiências, como a contratação de professores de arte sem estes terem uma formação adequada. Isso porque nem a UNI – Rio e nem a Universidade Estácio de Sá (que possui o mesmo curso) formam uma demanda suficiente de profissionais por período para tentar suprir o problema.

A qualidade de ensino do curso de licenciatura plena em Artes Cênicas da UNI – Rio se deve à ótima equipe de professores existentes, mas não é possível sustentar esta qualidade apenas com seus docentes.

Para que haja qualidade no ensino, é fundamental boas condições de trabalho: salários dignos, instalações adequadas, materiais, incentivo de pesquisas variadas, cursos de extensão, verbas orçamentárias para a manutenção da qualidade das instalações e dos cursos em geral.

Sabe-se que a qualidade do ensino é enormemente influenciada pelo espaço utilizado, a atmosfera, os recursos, materiais disponíveis e pela formação dos professores, pois há necessidade da constante atualização dos professores em exercício, mais acesso às informações e aos cursos de especialização.

O professor de arte não precisa ser um artista atuante, mas deverá se colocar no lugar do aluno; vivenciar todas as atividades que lhe irá dar para poder orientar melhor e entender seus processos de conhecimento. O fato do professor ser um artista não o faz um bom professor; da mesma forma, uma pessoa com boa formação pedagógica sem a experiência pessoal em arte, em criar, não pode ser um bom professor.

Também é necessário democratizar e desburocratizar as relações universitárias. Os professores deveriam, junto com os alunos, discutir, pesquisar e elaborar propostas de solução e/ou alternativas para mudanças.

Mas há também certos obstáculos que limitam o ensino universitário: há o controle público, há limites impostos pela legislação, pela administração, pela falta de estabilidade

orçamentária, pelas apatias e antipatias pessoais, pelo empobrecimento dos docentes, pela descrença no próprio ensino.

É necessário que as Universidades não parem de tentar se adaptar às exigências novas, resultantes do desenvolvimento das ciências e das tecnologias, acompanhando a modificação das necessidades de uma sociedade que vive em constante mudança e crise. Esta sociedade exige que a universidade acompanhe suas constantes transformações.

É fato que nenhum indivíduo se torna um profissional apenas por ter estudado algumas teorias a respeito da profissão almejada ou por freqüentar um curso de graduação

Ele deve comprometer-se profissional, ética, ideologicamente e buscar o aperfeiçoamento contínuo para o seu desenvolvimento profissional.

6. BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda. Formação de Professores : pensar e fazer / Nilda Alves, organizadora, 4ª ed. São Paulo, Cortez, 1996. (Questões da nossa época; 1)

ANDRADE, Silas Rodrigues. Licenciatura em Artes Cênicas – didaticamente falando. Rio de Janeiro, III semana de debates científicos da Uni – Rio, Departamento de Pós – Graduação e Pesquisa, 1989.

ARAÚJO, Hilton Carlos. Educação através do Teatro. Rio de Janeiro, Editex, 1974.

BARBIERI, Ivo. Maria de Lourdes Mader Pereira., coord. Arte como processo na educação. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1982.

BARBOSA, Ana Mae. Arte – Educação: Conflitos / Acertos. São Paulo, Max Linonad, 1985.

BARBOSA, Ana Mae. Arte – Educação no Brasil: das origens ao modernismo. São Paulo, Perspectiva, 1978. (Debates, 139)

BARRET, Maurice. Educação em Arte. Lisboa, Editorial Presença Ltda, 1973.

BENDER, Ivo. Cadernos de Teatro nº 72. Rio de Janeiro, FUNARTE / DAC / MEC / O TABLADO, 1977.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte /
Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC / SEF, 1997.

BRAZIELLAS, Maria de Lourdes Motta. Instruções para a elaboração e apresentação de
trabalhos acadêmicos na graduação. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho,
Departamento de Educação, 1994.

CALVET, M. M. de S. Cadernos de Teatro nº 95 / M. M. de S. Calvet, A. Gomes Rio de
Janeiro, INACEM / O TABLADO, 1982.

CAMARGO, Luís. Arte – Educação : da Pré – Escola à Universidade / Luís Camargo,
organizador, 2ª ed. São Paulo, Studio Nobel, 1994.

CANDAU, Vera Maria. A Didática em questão. Petrópolis, Vozes, 1984.

CREUZA, Tereza. Maria de Lourdes Mader Pereira., coord. Arte como processo na
educação. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1982.

DOMINGUEZ, José Antonio. Teatro e Educação: uma pesquisa. Rio de Janeiro, Serviço
Nacional de Teatro, 1978. (Coleção Cartilhas de Teatro, n ° 10)

DUGUET, Anne – Marie. Cadernos de Teatro nº 74. Rio de Janeiro, FUNARTE / DAC /
SNT / MEC / TABLADO, 1977.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Formação de Professores: pensar e fazer / Nilda ALVES, organ., 4 ed. São Paulo, Cortez, 1996. (Questões da nossa época; 1)

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

JANNE, Henri. A Universidade e as necessidades da sociedade contemporânea / tradução de Ivanova dos Santos Dias Soares. Fortaleza, Edições UFC, 1981.

LA COSTE, Jean. A Filosofia da Arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

LOWENFEK, Victor. Desenvolvimento da Capacidade Criadora / tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1970.

MAIA, Luciano. Ante – Projeto de dissertação do mestrado em Artes Cênicas do Centro de Letras e Artes da Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1993.

MICHALSKI, Yan. Cadernos de Teatro n° 58. Rio de Janeiro, DAC / MEC / TABLADO, 1973.

OLIVEIRA, Betty Antunes de . O Estado Autoritário Brasileiro e o Ensino Superior. São Paulo, Cortez Editora – autores associados, 1981.

PEREIRA, Maria de Lourdes Mader, coord. Arte como processo na educação. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1982.

PORCHER, Louis. Educação Artística – Luxo ou Necessidade. São Paulo, Summus, 1982.

READ, Herbert. A Arte e a alienação: o papel do artista na sociedade. Rio de Janeiro, 2ª ed., Zahar, 1983.

SAVIANI, Dermeval. Ensino Público e algumas falas sobre universidade. São Paulo, Cortez, 1984.

VASCONCELLOS, Pe. José Vieira de. Cadernos de Teatro nº 59. Rio de Janeiro, SNT / DAC / MEC / O TABLADO, 1973.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. O que é Universidade. São Paulo, Círculo do livro S. A, s/dt.

7. ANEXO

Modelo do Questionário

Universidade do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Humanas
Curso de Especialização:
Formação de Docentes Universitários

Idade: _____ N ° de períodos cursados para se formar : _____

1) Por que a opção pela Licenciatura plena em Artes Cênicas ? É sua 1ª opção de curso universitário?

2) O curso universitário lhe preparou para um bom desempenho profissional? Justifique.

3) Qual a sua expectativa em relação ao mercado de trabalho?

4) Em sala de aula qual a linha de trabalho com artes que você adotaria? Justifique.

Universidade do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Humanas

Departamento de Didática

Curso de Especialização: Formação de Docentes Universitários

Orientadora: Doutora Lígia Martha Coelho

Trabalho : Artes Cênicas e Ensino: formação universitária e perspectivas profissionais.

Aluna: Flávia Beatriz Pedrosa Pereira

	Rubrica	Nota
Avaliador		
Considerações da Avaliação:		
1		
2		
3		



Flávia Beatriz Tedrosa Pereira.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO – PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

**FORMAÇÃO DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS
AVALIAÇÃO DE MONOGRAFIA**

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

Título da Monografia: Orbes cômicas e ensino: Formação universitária e perspectivas profissionais

Pós-Graduando: Flávia Beatriz Pedrosa Pereira

Parecer: O tema da pós-graduanda é pertinente, e permite reflexões acerca do papel das licenciaturas nos Cursos de Arte.

A aluna optou por realizar pesquisa de campo, o que enriqueceu seu trabalho. No entanto, a relação teoria-prática foi pouco construída, fruto – possivelmente – de suas atividades profissionais, (o que) Este fato não permitiu uma melhor apreensão do objeto de estudo.

Levando em consideração seu esforço, atribuo conceito B e nota 3,0 (oito) à monografia.

Data: 05/05/99

Orientador: Lak Coelho